

NÓS E A TOXICOMANIA*

Véra Motta

Há uma relação de ser que não se pode saber. É dele, então, em meu ensino, que interrogo a estrutura, no que esse saber – impossível é por isso, proibido (LACAN, Seminário XX (p. 162).

Considerar a toxicomania a partir da clínica psicanalítica impõe alguns marcos teóricos que a diferenciem das demais abordagens deste fenômeno. Em primeiro lugar, mais que uma clínica do sujeito, é essencial articular uma clínica do gozo, na medida em que o ato toxicomaniaco, ou a prática do drogar-se, implica a tentativa, impossível, de infiltrar o gozo no corpo, um gozo cada vez mais solitário.

O “verdadeiro” toxicômano, se assim se pode dizer, seria aquele para quem as substâncias perderam a dimensão significativa que em algum momento poderia ter sustentado sua escolha do tóxico. Ele não crê no Outro, e só precisa dele para abastecer-se do produto. Sua única determinação, de encontrar no próprio corpo o gozo, não apenas prescindir do outro, do corpo do semelhante, mas também do gozo fálico que regula a fantasia.

O gozo fálico é um gozo coordenado ao Nome-do-Pai. Em Psicanálise, o pai enoda a lei e o desejo, sendo o regime edípico o mito individual em que se realiza a proibição do desejo de gozar da mãe. A significação fálica aparece como aquilo que vai orientar a criança em direção à lei do pai. A acomodação do sujeito ao gozo fálico deriva, pois, de uma relação possível entre o Desejo da Mãe e o lugar ocupado pelo Nome-do-Pai, cuja metaforização é determinante do destino da sexualidade.

A partir da definição lacaniana de droga, como “aquilo que permite romper o casamento com o pequeno pipí” e da interpretação que lhe dá Eric Laurent, segundo a qual a droga não nos conduz a outra coisa senão a um modo de ruptura com o gozo fálico, estabelece-se, no campo aberto pela psicanálise à toxicomania, a afirmação: trata-se de fenômeno de ruptura do gozo fálico, sem forclusão.

Em “D’ une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose”, Lacan define a *Verwerfung* como forclusão do significante, ou seja, no ponto em que o Nome-do-Pai é chamado, pode responder no Outro um puro e simples buraco, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um buraco correspondente no lugar da significação fálica. Esta formulação permite verificar uma causalidade entre Nome-do-Pai e significação fálica, de tal sorte que, estando presente, no Simbólico, o primeiro, produzir-se-ia, no Imaginário, a segunda, $[P \hat{\mathbf{I}} \varphi]$ e, na sua ausência, $[P_o \hat{\mathbf{I}} \varphi_o]$.

A questão que se formula, desde já, é: não havendo forclusão do significante Nome-do-Pai, como encontrar, no fenômeno toxicomaniaco, buraco no imaginário como ausência de significação fálica, o que seria $\text{supor } [P \hat{\mathbf{I}} \varphi_o]$?

Verificamos, na clínica da toxicomania, uma variedade de relações de sujeitos com diversas drogas, o que nos impede de generalizar a toxicomania enquanto estrutura clínica. O caso que aqui tomamos ilustra uma das posições subjetivas que se podem encontrar na clínica do fenômeno toxicomaniaco.

Trata-se de um jovem de 31 anos, que comparece à instituição movido por uma reportagem sobre as drogas e suas formas de tratamento; a partir de uma identificação com o significante “sou toxicômano”, ou seja, identificação pela via de um traço de gozo comum a um conjunto, nosso sujeito consegue estabelecer um ponto de enganchamento no Outro, que é quem proporciona o significante.

Desde então, coloca-se como possível objeto de investigação científica para a instituição, marcando suas sessões com um estilo próprio, no gênero epistolar: escreve as sessões após sua realização, trazendo-as na seguinte e apresentando-as à analista, com o comando de que as leia. Frequentemente se observa, na psicose, um traço, uma propensão incontrolável para escrever, o que significa uma operação sobre o nome, apontando para a questão do pai.

Seu apelo dirige-se para uma operação particular: parar de fumar, e a maconha é o produto da eleição. Usuário desde os 15 anos, de forma diária e contínua, declara ter experimentado tudo, à exceção da heroína. Chama particular atenção o tratamento que empresta ao

produto de eleição: batiza-lhe de *Marijuana*, personalizando-a, feminizando-a, e estabelecendo com ela familiaridade e intimidade tais que só se reservam a uma mulher. Sua máxima, “parar de fumar”, é congruente com a operação de recusa do Inconsciente, ou, em outras palavras, é congruente com a máxima “esquecer a mulher”, o que o libera da angústia do encontro com o falo.

Num outro momento, empresta características ao produto que o fazem identificá-lo à mãe: sedutora, domadora, protetora; isto, por sua vez, o leva à rememoração quando, aos 9 anos, nasce seu irmão, *sindrômico de Down*, o que o priva dos cuidados da mãe, quando mais precisava dela - eis a sua queixa, e também sua revelação.

Localizamos sua primeira crise aos 20 anos, quando do surgimento da figura de um professor, notabilizado pela conduta sádica em relação aos alunos. Responde ao exame sob formas delirantes, é processado, suspenso por um período para, ao final, ser inocentado e absolvido da acusação de “injúria ao mestre”. Seu pai, advogado, o auxiliou na construção da peça de defesa. Para Lacan, a psicose se desencadeia quando o Nome-do-Pai é chamado e não há significante para responder a esse apelo.

Na falta do significante, algo vem ocupar esse lugar, e a via que escolhe esse sujeito é a droga, associada a uma companheira mais velha que ele. A partir daí, sela-se um compromisso entre ele e os produtos: LSD, cocaína, maconha. Preso, pede ao Delegado que o mantenha no cárcere, para evitar que saia novamente nu às ruas. Segue-se um tempo de abstinência, de mulheres e drogas, ao final do qual vê-se envolvido num atropelamento, cujas seqüelas o deixam com *amnésia parcial*.

Situa seu pai como filho bastardo, não reconhecido pelo próprio pai, e que dedicara toda a sua vida a “ser alguém”, máxima que tomava de empréstimo para si próprio, e da qual se via, cada vez mais, distanciar-se. Quando se desesperava pelo fracasso de sua vida, a maconha se convertia no obstáculo do qual deveria livrar-se, a qualquer preço, para recuperar o caminho de seus ideais.

A droga, nesse lugar, surge como meio de identificação, e também como explicação: a maconha lhe permite rechaçar toda a competição social, em nome de uma suposta

delinqüência, recusando o gozo fálico, enquanto gozo que sustenta toda a competição social, toda a circulação da competição no mundo social. Nesse sentido, funciona a modo de suplência, de estabilização, reforçando, por um lado, os laços sociais já por si frágeis - ele é um drogado, entre tantos - e, por outro, limitando o gozo invasor, já que o sujeito encontra na adição uma localização corporal: um gozo localizado, mais uma identificação, o que viria suprir o vazio percebido e iminente da forclusão.

A função de suplência apontada, por Lacan, para o Nome-do-Pai, função suplementar, um anel a mais que enodaria os registros do Imaginário, Simbólico e Real encontra, na psicose, uma pergunta sem resposta: o que é um pai? Por falta do significante do Nome-do-Pai, Schreber “faz a mulher”, ou seja, coloca-se, enquanto mulher, ao serviço do Outro. No nosso sujeito, essa pergunta vê-se ancorada na sua identificação com o produto, de tal forma triunfante que, em sua última epístola, a operação sobre o nome se completa: autodesigna-se por dois prenomes, cujos significados inspiram força e nobreza, e dois sobrenomes, da linhagem materna dos pais, legado que não lhe coube pela via do pai.

A estabilização obtida pelo trabalho da psicose, de aplacamento do gozo, não parece se observar no toxicômano, para quem a droga obtém êxito num contexto de crescente decadência da imagem do pai, numa era da ciência. Contudo, toxicomania e psicose colocam-se lado a lado, na medida em que constituem modos de recusar o Inconsciente, o que justifica a afirmação de Francisco Hugo Freda, que ousáramos estendê-la aos psicóticos: aos toxicômanos, a Psicanálise propõe inventar um inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUCREMANNE, J.L., JOSSON, J.M. Toxicomania: diagnóstico y tratamiento. *Sujeto, goce y modernidad III: de la monotonía a la diversidad*, 53-9. Buenos Aires: Atuel TyA, 1995.

FREDA, Francisco H. Conclusión. *Sujeto...*, p.121-6.

LACAN, Jacques. *R.S.I. O Seminário 1974/1975*. s/l., s/d.

_____. Séance de Clôture. Journées d'étude des cartels de l'École Freudienne.

SANTIAGO, Jesús. El artificio de la droga y la metonimia de la muerte. *Sujeto...*, p.

69-78. SILLITTI, Daniel. Toxicomania y síntoma. *Pharmakón* 4/5, dic.1995/mayo 1996, 48-51.

Publicación de Grupos e Instituciones de Toxicomania y Alcoholismo del Campo Freudiano.

SINATRA, Ernesto. La existencia del goce y la del toxicomano. *Sujeto...*, p. 109-119.

SOLER, Colette. Abordagens do Nome do Pai. In:____. *Artigos clínicos*, 119-35.

Salvador: Fator, 1991.

SOUZA, Aurélio. Mais além do simbólico: o real. IV Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, 1994.

* Trabalho apresentado no XI Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, "Nós e a Clínica", realizado em 7 de setembro de 1996, em Salvador, Bahia.